

# Fiesp acha que apelo à greve será um fracasso

"Ele está se preparando para mais um fracasso." A declaração é do diretor do departamento sindical da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), Roberto Della Manna, ao comentar ontem a proposta anunciada pelo presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT), Jair Meneguelli, de promover uma "greve geral política" como protesto aos trabalhos da Assembléia Constituinte. O deputado federal Guilherme Afif Domingos (PL-SP) concorda com o empresário: "Eu duvido da liderança dele (Meneguelli) sobre a classe trabalhadora, depois do espetáculo de agressão ao poder que ele auxiliou a promover".

O parlamentar referia-se ao clima de "campo de futebol de várzea" — na expressão do deputado do PMDB paulista, Roberto Cardoso Alves — em que foi transformado o plenário da Constituinte na quinta-feira. As pessoas nas galerias, onde estava Meneguelli, jogaram nos deputados moedas, dinheiro em cédulas e até papel higiênico.

"Depois das cusparadas e atos de selvageria que contaram com a conivência do presidente da CUT, eu acho que a Nação deve cobrar dele a responsabilidade pela agressão que promoveu", frisou Afif, para acrescentar: "Greve geral? Só se for com ajuda de piquetes". Della Manna completou que Meneguelli já "deve estar bem treinado para absorver este fracasso". Desta vez, o político e o empresário aludiam à tentativa de

greve geral promovida pela CUT e CGT (Central Geral dos Trabalhadores) em 20 de agosto, que fracassou totalmente.

A possibilidade de um novo insucesso preocupa também ao ex-deputado Eduardo Matarazzo Suplicy, membro do diretório nacional do PT, para quem "agora será diferente que da outra vez, pois a mobilização envolve organizações como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e outras entidades civis, além dos sindicatos". Esta inquietação, porém, não atinge Della Manna.

Em sua opinião, não existe clima para greve no interior de todas as empresas. Quanto a um movimento político como pretende o presidente da CUT, o diretor da Fiesp, nota que "o trabalhador já está vacinado e já deu provas que não se presta a paralisações deste tipo, porque o resultado de nenhuma delas reverte a seu favor". Mesmo Suplicy coloca a greve geral como uma das "hipóteses" do movimento: "É preciso ver o que vai atrapalhar mais o trabalhador: o rolo compressor do Centrão, que mobiliza recursos externos para convencer deputados a votar de acordo com seus interesses econômicos, ou uma forma eficaz de protesto. A paralisação é uma alternativa, mas existem outras".

Para Guilherme Afif Domingos, que participou ontem, em São Paulo, do "II Encontro do Movimento de Mulheres pela Livre Iniciativa", o Centrão não precisa mais de confron-

tos para demonstrar que possui maioria na Assembléia Constituinte e passará a utilizar a estratégia "da cooperação e do acordo com outros grupos". O deputado salientou que a associação suprapartidária da qual faz parte não tem posição formada sobre o sistema de governo que votará ou a duração do mandato do presidente José Sarney. "Deixaremos estes temas para cada parlamentar se manifestar conforme a própria opinião. Nossa articulação ocorreu apenas em torno de interesses políticos: garantir o direito da maioria".

Afif admitiu, no entanto, que o Centrão está unido no mínimo em 20 questões, mas os únicos exemplos que citou são a derrubada dos artigos que defendem a estabilidade no emprego, a nacionalização na distribuição de petróleo e a estatização dos serviços de saúde e educação. Apenas a nível pessoal revelou sua preferência pela convocação de eleições gerais em 88, ressaltando que "entre o ideal e o possível, vou jogar com o possível que é apenas a realização de diretas para presidente".

Durante a reunião, o deputado demonstrou otimismo sobre o futuro do País: "Quanto maior a crise, mais depressa arranjaríamos soluções". Assim reafirmou a falta de confiança com a greve geral que a Frente Nacional de Entidades Sindicais e Populares pela Defesa da Democracia pretende realizar e sobre a qual o Plenário Pró-Participação Popular na Constituinte ainda não se manifestou.